

“Meu tempo é hoje”: uma investigação do ensino- aprendizado de piano na velhice

Ana Maria Janunzzi de Salles

Universidade Estadual de Campinas

orcid.org/0009-0003-9838-9797

anamariajsalles@gmail.com

Carla Silva Reis

Universidade Federal de São João del-Rei

orcid.org/0000-0002-0410-3408

carlareis@ufsj.edu.br

SALLES, Ana Maria J.; REIS, Carla Silva. Meu tempo é hoje: uma investigação do ensino-aprendizado de piano na velhice. **Revista da Abem**, [s. l.], v. 33, n. 1, e33117, 2025.





“Meu tempo é hoje”: uma investigação do ensino-aprendizado de piano na velhice

Resumo: Este artigo traz resultados obtidos em uma pesquisa de mestrado realizada entre os anos de 2021 e 2023, na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). O objetivo geral foi investigar o processo de ensino-aprendizado de piano com alunos idosos. A partir de uma pesquisa de campo, que teve com *locus* o projeto de extensão universitária “Meu tempo é hoje: o piano na terceira idade”, foram coletados dados que resultaram em seis categorias de análise. Além disso, o texto apresenta informações sobre o envelhecimento e a velhice, importantes para uma reflexão acerca da prática docente inclusiva com esse público.

Palavras-chave: Pedagogia do piano, Envelhecimento, Velhice, Inclusão, Extensão universitária.

“My time is now”: an investigation into piano teaching and learning in old age

Abstract: This article presents the results of a master's research project carried out between 2021 and 2023 at the Federal University of São João del-Rei (UFSJ). The general objective of the research was to explore the elderly piano student in a teaching-learning situation. Based on field research, the *locus* of which was the university extension project “My time is now: the piano in third age”, data was collected which resulted in six categories of analysis. In addition, the text presents information on ageing and old age, which is important for reflecting on inclusive teaching practice with this audience.

Keywords: Piano pedagogy, Ageing, Old age, Inclusion, University extension.

“Mi tiempo es hoy”: una investigación sobre la enseñanza y el aprendizaje del piano en la vejez

Resumen: Este artículo presenta los resultados de un proyecto de investigación de maestría realizado entre los años 2021 y 2023 en la Universidad Federal de São João del-Rei (UFSJ). El objetivo general de la investigación fue explorar al estudiante de piano de edad avanzada en una situación de enseñanza-aprendizaje. A partir de una investigación de campo, cuyo *locus* fue el proyecto de extensión universitária “Mi tempo es hoy: el piano en la vejez”, se recogieron datos que dieron lugar a seis categorías de análisis. Además, el texto presenta información sobre el envejecimiento y la vejez, importante para reflexionar sobre la práctica docente inclusiva con este público.

Palabras clave: Pedagogía del piano, Envejecimiento, Vejez, Inclusión, Extensión universitaria.

Introdução

Atualmente, estima-se que no mundo todo exista 1,1 bilhão de pessoas idosas¹. O crescimento dessa população é uma tendência inexorável do século XXI e tem ocorrido principalmente por dois motivos: a diminuição na taxa de natalidade e o aumento da longevidade. Assim, como forma de conscientizar os seres humanos sobre a velhice, em 14 de dezembro de 2020 realizou-se uma Conferência da Organização das Nações Unidas (ONU) em Genebra, onde foi declarado “Década do

¹ Estimativa da ONU para o ano de 2022. A informação encontra-se no Portal do Envelhecimento. Disponível em: <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/os-12-paises-com-maior-quantidade-de-idosos-no-seculo-xxi/>. Acesso em: 29/04/2025.





envelhecimento saudável” o período de 2021 a 2030². Além disso, esta declaração reconhece que o envelhecimento populacional afeta não só o sistema de saúde, mas todos os outros aspectos da sociedade, incluindo a educação.

A Educação Musical não está fora desse cenário. Ao longo dos anos, diversas propostas metodológicas em educação musical têm sido desenvolvidas e aplicadas em contextos culturais diversos. No entanto, ainda é predominante a lógica do ensino do instrumento, que nos apresenta Sérgio Luiz Ferreira de Figueiredo, afirmando que grande parte das propostas educacionais desenvolvidas no século XX apresenta uma revisão de modelos de ensino praticados em momentos anteriores, focalizando a formação do instrumentista que reproduz um repertório vinculado a uma tradição musical, com concepções ligadas ao ideal do talento e do gênio (Figueiredo *apud* Jordão *et al.*, 2012, p. 85).

Ao lidar com alunos idosos, essa lógica de formação de instrumentistas profissionais diverge consideravelmente da realidade. Acreditamos que grande parte do desconforto ao lidar com alunos idosos vem do fato de não conhecermos o processo de envelhecimento e suas características. Ressaltamos também que uma aula de piano para idosos é, a nosso ver, uma situação de troca de conhecimento entre dois adultos, sem as mesmas relações de subordinação que encontramos, por exemplo, em aulas para crianças e adolescentes.

Com essas reflexões, iniciamos este texto, fruto de uma pesquisa de mestrado realizada na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), entre os anos de 2021 e 2023, cujo propósito foi compreender o processo de ensino-aprendizado de piano na velhice. A pesquisa se iniciou com a realização de um levantamento bibliográfico sobre a temática (Salles; Reis, 2021a), que evidenciou uma escassez de trabalhos e pesquisas que abordassem o ensino de piano para pessoas idosas no âmbito nacional.

Diante dessa lacuna, a referida pesquisa teve como objetivo investigar as particularidades (físicas, biológicas e psicológicas) do processo de ensino-aprendizagem de piano na velhice no âmbito do projeto de extensão universitária “Meu tempo é hoje: o piano na terceira idade” (PROEX/UFSJ), criado em 2022,

² United Nations, disponível em: <https://social.desa.un.org/sdn/decade-of-healthy-ageing-2021-2030>
Acesso em: 18/01/2025.



especialmente para ser o *locus* da pesquisa, e que continua em atividade até a data de publicação deste artigo. A fundamentação teórica da investigação abordou o conceito de múltiplas velhices na sociedade contemporânea por meio de diálogos epistêmicos com outras áreas de conhecimento, bem como consonâncias e dissonâncias entre a Pedagogia do Piano e o envelhecimento, a partir da perspectiva de uma educação inclusiva. O debate e os dados coletados em campo culminaram em seis categorias de análise, que serão apresentadas ao longo deste texto.

Ser velho: breves considerações sobre os aspectos biológico, psicológico e cultural

Existem alguns conceitos-chave para a compreensão deste texto, a saber: *envelhecimento*, *velhice* e *pessoa idosa*. Há entre as definições para o verbo “envelhecer” duas que despertam mais a atenção: 1) Tornar(-se) velho ou mais velho; 2) Dar ou tomar a aparência de idoso; aparentar ou fazer aparentar mais idade³. As palavras “velho” e “idoso” estão constantemente ligadas a uma noção negativa de envelhecer dos seres humanos, socialmente estabelecida a partir de atributos que consideramos dentro dessa categoria. Porém, o envelhecimento não é um estado, mas sim um processo de degradação progressivo. Esse processo “ocorre ao longo da vida do indivíduo e tem a ver com as condições genéticas, biológicas, sociais e psicológicas” (Magalhães *apud* Jacob; Fernandes, 2011, p. 12). Assim, é “impossível datar o seu começo, porque de acordo com o nível no qual ele se situa (biológico, psicológico ou sociológico), a sua velocidade e gravidade variam de indivíduo para indivíduo” (Cancela, 2007, p. 16).

Já a *velhice* é a última fase do envelhecimento, “não é um processo como o envelhecimento, é antes um estado que caracteriza a condição do ser humano idoso” (Santos, 2010, p. 1037). O conceito de *pessoa idosa* varia entre os países. Nos países desenvolvidos, considera-se idoso o cidadão com 65 anos ou mais, já nos países em desenvolvimento, os idosos são as pessoas com 60 anos ou mais – essa definição foi estabelecida pela ONU. Embora seja a variável menos precisa, a idade cronológica ainda é o critério mais utilizado para se estabelecer o que é ser idoso.

³ Dicionário Michaelis online. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/envelhecer/>. Acesso em: 01/05/2025.





O envelhecimento humano compreende uma série de alterações nas funções orgânicas e mentais. O indivíduo perde o equilíbrio homeostático e suas funções fisiológicas começam gradualmente a declinar e, em consequência disso, ocorre uma diminuição progressiva da reserva funcional (Cancela, 2007). Fisiologicamente falando, esse processo depende também do estilo de vida que os sujeitos adotam desde a infância. Com esse fenômeno, ocorrem alterações que são perceptíveis no organismo, dentre elas, as mais afetadas pelo processo de envelhecimento são a audição, a visão e o equilíbrio (Cancela, 2007).

Em relação ao desempenho cognitivo, Cancela (2007) afirma que a partir dos 50 anos ocorre um declínio que atinge seu pico por volta dos 70 anos. Porém, o declínio das funções intelectuais não é uniforme. A capacidade de se comunicar verbalmente, por exemplo, segue eficaz durante a vida toda. Um aspecto a ser citado é a inteligência, que se mantém durante toda a vida – “o vocabulário, a capacidade de acesso à informação e a compreensão não são muito prejudicados com a passagem dos anos” (Cancela, 2007, p. 8).

O “ser velho” é interpretado de diversas maneiras para cada indivíduo, a partir de suas experiências de vida, do lugar social que ocupa, de suas alterações biológicas e de outras variáveis, como gênero, raça, sexualidade etc. A partir disso, consideramos que existem múltiplas velhices, embora algumas alterações estejam presentes em todos os seres humanos.

Erving Goffman, em seu livro *Estigma notas sobre a manipulação da identidade deteriorada* (2004), nos apresenta uma provocação: o quanto estamos habituados a categorizar pessoas da mesma forma como categorizamos objetos, seja por sua forma física ou por sua finalidade? Estamos acostumados a nos relacionar com outras pessoas em determinado ambiente social, mas sem dar atenção particular às suas subjetividades. Porém, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos percebidos nos fazem prever em qual categoria ele se encaixa, e “baseando-nos nessas pré-concepções, nós as transformamos em expectativas normativas, em exigências apresentadas de modo rigoroso” (Goffman, 2004, p. 5).

Essa atitude normalizada, que ocorre nos mais variados ambientes, inclui também a sala de aula. Partindo do pressuposto de que, historicamente, não é





comum uma pessoa após seus 60 anos desejar aprender piano, podemos considerá-la como o “estranho” estigmatizado, e esse estigma surge, principalmente, por conta de sua idade cronológica.

Compreendendo um pouco do processo de aprendizagem das pessoas idosas

Quando nos dispomos a cursar uma licenciatura em determinada área, percorremos um grande caminho nos inteirando das teorias da aprendizagem dos seres humanos. Todas essas teorias, quando expostas nos cursos, possuem um ponto de convergência: enfatizam o desenvolvimento da aprendizagem em crianças e adolescentes, que estão no início do processo de descoberta e experimentação do mundo. Nesse sentido, fica claro que não podemos nos valer de alguns desses grandes referenciais para lidar com o processo de aprendizagem dos idosos.

Durante muitos anos, a produção acadêmica e científica carregou consigo vários estereótipos do envelhecimento. Um dos principais era uma tendência a associar a dificuldade de aprendizagem com o resultado de efeitos do passar do tempo sobre o funcionamento “mecânico” do cérebro, mantendo assim uma visão de decrepitude do potencial intelectual. A partir da segunda metade do século XX, o estabelecimento do enfoque no ciclo vital alterou consideravelmente as perspectivas e as investigações sobre os processos cognitivos em adultos.

Os psicólogos norte americanos John Horn e Raymond Cattell (1966) tinham como objeto de estudo a inteligência como um componente estrutural do sistema cognitivo, analisando as mudanças produzidas pelo envelhecimento. Em sua teoria da *Inteligência Cristalizada e Fluida*, a hipótese central dos autores é de que, com o passar dos anos, a Inteligência Cristalizada tende a se manter ou a sofrer algum incremento, enquanto a Inteligência Fluida tende a declinar (Yuni; Urbano, 2015). Assim, se explica por que a memória de longo prazo e o conhecimento experiencial são os principais recursos cognitivos que as pessoas idosas utilizam para realizar atividades que necessitem de suas habilidades intelectuais.

A pesquisadora Gisela Labouvie-Vief destaca as relações entre a vida emocional e as habilidades intelectuais. A ideia central é de que “o pensamento pós-formal possui diversos domínios, alguns relativos a emoções, valores, relações





sociais e até mesmo aos níveis de integração do *self*” (Krzemien *et al.*, 2019, p. 256) Assim, Labouvie-Vief considera a integração das dimensões afetiva e cognitiva, propondo que a função emocional da personalidade está em relação direta com o desenvolvimento cognitivo ao longo da vida.

Em relação à memória, com o passar dos anos, “o declínio cognitivo esperado para o envelhecimento natural implica na necessidade de mais tempo para a assimilação e equilibração das novas informações às estruturas cognitivas já estabelecidas” (Oliveira, 2006 *apud* Santo da Luz, 2022, p. 173). A aprendizagem torna-se, então, “um processo de construção de memória que modifica conexões sinápticas formando esquemas de ação ou modos de funcionamento expressos no comportamento, que acontecem no contexto social onde o professor é um facilitador do aprendizado” (p. 173).

Afinal, como pensar o ensino-aprendizado de piano para pessoas idosas?

Se considerarmos a velhice como um estágio evolutivo que possui suas próprias características, podemos dar abertura a um novo campo teórico e prático que atenda a tais particularidades, dando assim “lugar a dispositivos e configurações educativas específicas, orientadas por valores e fins educativos diferenciados daqueles que se utilizam para a educação em outras idades” (Yuni; Urbano, 2015, p. 14).

Ao longo das últimas décadas, o aprendizado na velhice vem sendo alvo de estudos, e ganhando cada vez mais espaço acadêmico nas áreas de estudos do envelhecimento (como a Gerontologia Educacional, a Gerontagogia etc). Por se tratar de um campo de estudos relativamente novo, “o processo de construção conceitual continua em aberto, já que continuamente surgem novas práticas, modelos e serviços educativos direcionados para pessoas idosas” (Yuni; Urbano, 2015, p. 12).

O ensino para idosos trata-se de um encontro educativo entre adultos, subvertendo um pressuposto básico da educação: de que as gerações mais velhas transmitem seu legado sociocultural às mais jovens. Assim, o ensino para idosos pode ser visto como um fenômeno original, pois não se liga aos fins





tradicionalmente estabelecidos pela educação das sociedades modernas (Yuni; Urbano, 2015).

Em relação aos materiais específicos de ensino de piano para adultos ou idosos, observa-se uma escassa produção direcionada a este público em comparação àqueles lançados anualmente que têm como alvo as crianças. Essa informação é corroborada por uma tese de PhD encontrada no levantamento bibliográfico da pesquisa de mestrado que originou este texto. Apesar de o trabalho ter sido desenvolvido no Canadá, os materiais didáticos por Ariane Nantel (2015)⁴ são os mesmos utilizados no contexto brasileiro para alunos adultos e idosos. Como exemplo, podemos citar *Adult Piano Adventures* (Nancy e Randall Faber) e *Bastien Piano for Adults* (Jane, Lisa e Lori Bastien). Como material infantil citado na pesquisa de Nantel, está o *Hal Leonard Piano Lessons* (Hal Leonard). Ressaltamos que os materiais citados são valiosos e contribuem de forma excepcional para a Pedagogia do Piano, porém são mais eficientes quando utilizados com a faixa etária a que se direcionam.

No final do século XX e início do XXI, alguns livros sobre pedagogia do piano começaram a apresentar estudos com alunos adultos. Dentre os autores, podemos citar Bastien (1973), Stateri (1996), Uszler (2000), Costa (2004), Sahr (2004). Nesta literatura clássica, os autores tentaram traçar um perfil dos alunos adultos e encontraram alguns perfis: os que desejam retomar às aulas depois de interromper os estudos por muitos anos; aqueles que atuam em uma área diferente da música e desejam tocar um instrumento musical; os que possuem um desejo antigo de estudar piano e somente então podem realizá-lo; os que possuem paixão pela arte; aqueles que então dispõem de tempo para realizar uma atividade de seu interesse musical; dentre outros (Dias, 2016).

Estudos mais atuais, como os das autoras Jeanine Jacobson (2015) e Merlin B. Thompson (2018), também trazem considerações sobre alunos adultos em seus livros, e complementam as categorias de seus antecessores. Uma das autoras coloca os alunos com mais de 60 anos em uma categoria chamada “alunos em condições especiais” (Jacobson, 2015), que abrange ainda músicos que tocam

⁴ Nantel, Ariane. **Enseignement du piano aux personnes âgées autonomes (65 à 79 ans)**: élaboration d'un guide pédagogique web. Tese de Doutorado (Doutorado em Música) - Universidade de Laval, Canadá, 2015.





outros instrumentos e cantores, transparecendo assim a falta de detalhes no tratamento com o aluno idoso. De forma geral, os livros e publicações consultados trazem algumas características específicas dos alunos adultos que, na maioria das vezes, são comparadas com características infantis.

Refletindo sobre a pouca atenção da Pedagogia do Piano para com o aluno idoso, nos ocorreu que um passo inicial para a mudança deste cenário seria a perspectiva inclusiva, que acolhe, aceita e torna o aluno parte do processo (Salles; Reis, 2021b). O conceito de *inclusão* no âmbito específico da educação “implica, antes de mais, rejeitar, por princípio, a exclusão (presencial ou acadêmica) de qualquer aluno da comunidade escolar” (Rodrigues, 2006, p. 2). Porém, acreditamos que essa reformulação não pode ser feita tendo como base seus próprios pressupostos técnicos e musicais. É importante questionar se as finalidades do ensino de piano sempre serão as mesmas, independente do perfil do aluno e de suas expectativas. Para uma educação musical para idosos em uma perspectiva inclusiva, primeiramente devemos centralizar o aluno no processo de ensino-aprendizado. Em seguida, é necessário romper com tradições sobre o que e como se deve ensinar piano.

O projeto “Meu tempo é hoje: o piano na terceira idade” e suas contribuições para a Pedagogia do Piano

Como dito anteriormente, a pesquisa de mestrado que deu origem a este artigo utilizou um projeto de extensão universitária como *locus* para a coleta de dados. Em 2021, as autoras criaram o projeto “Meu tempo é hoje: o piano na terceira idade” (PROEX/UFSJ), que teve seu início em abril de 2022 e continua em funcionamento até a data de publicação deste artigo. Nele são oferecidas aulas de piano gratuitas para pessoas de 60 anos ou mais, da comunidade de São João del-Rei/MG.

O projeto tem como principal objetivo oferecer a possibilidade de se aprender piano na velhice por meio de oficinas do instrumento, oferecidas ao público interno e externo à UFSJ. Há duas vertentes: a primeira, de caráter pedagógico, visa proporcionar aos discentes do curso de música a experiência docente com a velhice; a segunda, de caráter exploratório, pretende investigar, criar e divulgar materiais didáticos, problematizações e reflexões a respeito do aluno





idoso de piano. Para fins de delimitação etária, tomaremos como idosos as pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, como consta no Art. 1º do Estatuto dos Idosos do Brasil, Lei nº 10.471 de 1º de outubro de 2003 (Brasil, 2003).

Para o início das atividades em 2022, realizamos a divulgação das inscrições para novos participantes em nossas redes sociais pessoais (Facebook, Instagram, grupos no WhatsApp), e também nas redes da UFSJ. Para a inscrição dos alunos participantes, disponibilizamos um e-mail onde eles informaram nome, idade e um telefone para contato. Em seguida, organizamos uma entrevista com todos os interessados, no Centro De Referência Musicológica “José Maria Neves” (CEREM), local onde acontecem as aulas, para que pudéssemos conhecer os futuros 14 participantes. Na entrevista, além de uma conversa informal sobre a profissão dos participantes, foram feitas as seguintes perguntas: 1) Você toca ou já tocou piano?; 2) Você toca ou já tocou algum outro instrumento?; 3) O que te levou a procurar as aulas de piano?⁵

O primeiro mês de aula ocorreu no Centro Cultural da UFSJ. Essas aulas foram realizadas em grupo, utilizando apenas um piano, que está disponível no local. Nelas, procuramos identificar quais alunos possuíam uma noção do instrumento, ou mesmo de música, e quais eram iniciantes de fato. Durante esse primeiro momento, realizamos atividades que visavam despertar o aparato físico dos alunos para tocar piano. Além disso, explicamos o funcionamento do instrumento, inserimos as primeiras noções de propriedades do som, como altura, intensidade, timbre e duração. Mostramos as primeiras noções espaciais do instrumento, com atividades em que os alunos tocavam apenas os grupos de teclas pretas, primeiro os grupos de duas, depois de três, e depois os dois grupos simultaneamente. Realizamos atividades de improvisação para experimentação dos conceitos aprendidos, e iniciamos a peça *Valsa triste*, do livro didático *Piano Pérolas* (Liliana Botelho e Carla Reis). Com a referida música, demos início ao aprendizado das notas musicais e seu automatismo ascendente e descendente. Logo após essa experiência em grupo, dividimos os alunos em aulas individuais de piano, uma vez por semana e com uma hora de duração.

⁵ As respostas obtidas a partir desse primeiro contato com os participantes corroboram aquelas encontradas nos trabalhos de Bastien (1973), Stateri (1996), Uszler (2000), Costa (2004), Sahr (2004), Jeanine Jacobson (2015) e Merlin B. Thompson (2018), citados anteriormente.





Um levantamento de materiais didáticos destinados ao público idoso revelou apenas um material específico para pessoas a partir de 50 anos, o método *Upper Hands to spark the mind, heart and soul* (Gaili Schoen, 2012). Pelo fato de este livro apresentar uma abordagem que consideramos tradicional de ensino de piano, dando um foco quase que exclusivo para a leitura da partitura musical, decidimos substituí-lo pelo *Piano Safari for the older student* (Katherine Fisher e Julie Knerr Hague, 2018), que não se destina a idosos, especificamente, mas a alunos mais velhos, como adolescentes e adultos. O material foi escolhido por trazer as abordagens da Pedagogia do Piano moderna, tais como, a imitação, a improvisação, a leitura e a utilização de tecnologias. Com os alunos que já possuíam experiência prévia com o piano, decidimos trabalhar repertórios que eles sugeriram e outros que pesquisamos, e a partir do próprio repertório algumas correções técnicas foram feitas.

Categorias de análises emergidas da pesquisa de campo

Após submeter os participantes às aulas de piano, criamos categorias de análise de acordo com as respostas observadas, que estão relacionadas com as teorias introdutórias deste artigo. A seguir, apresentaremos as categorias e seus conteúdos.

As múltiplas velhices

Dos 14 inscritos, apenas 7 participaram do projeto até o final de 2022. Os motivos da evasão foram vários, como falta de adequação com os horários oferecidos, questões familiares que tomavam o tempo dos alunos, sobrecarga de trabalho que não deixava tempo para se dedicar ao piano em casa, a dependência de terceiros para levar até o local das aulas, e também o “desencanto” que ocorre quando colocamos uma expectativa alta em uma atividade e descobrimos que não era exatamente como pensávamos.

Esta categoria de análise se relaciona diretamente com os participantes do projeto. Assim, abarca questões pessoais das vidas de cada um. Nos abstermos de detalhar o perfil de cada pessoa neste texto, pois as múltiplas velhices surgem aqui para demonstrar que mesmo considerando velhice como uma etapa do





desenvolvimento humano, ela é experienciada de maneira muito distinta entre as pessoas. Sendo assim, cada aluno que temos em sala de aula é único e possui uma bagagem individual de vida.

As motivações dos participantes

As aulas de piano são procuradas por diversas razões, mas a maioria dos alunos compartilhava uma motivação em comum: desde sempre gostavam de piano, mas não puderam ter, ou manter, contato com o instrumento devido a acontecimentos da vida. Por estarem aposentados, resolveram dar uma chance a esse desejo antigo. Algumas falas coletadas durante a entrevista inicial expõem esse desejo. Quando questionados sobre o motivo de estarem ali, alguns responderam:

Piano, acho lindo, maravilhoso, mas nunca tive oportunidade de estar tendo contato. Por morar em cidade pequena é mais complicado (participante A).

Porque eu sou doida com piano, sempre fui. Quando era mais nova não pude, porque tinha muito filho para criar (participante D).

Eu tive vontade desde menina, mas nunca deu certo. Aí quando eu aposentei, no dia que eu recebi o resultado da aposentadoria eu comprei um piano. Estudei pouco, mas não fui para frente, tive vários impedimentos. Mas tenho muita vontade (participante R).

Temos também algumas outras motivações, como as de quem estudava piano anteriormente e por algum motivo deixou de estudar:

É uma história de vida minha. Eu fazia piano 3 vezes por semana. E nessa época, meu pai sofreu um acidente de carro, e foi muito complicado. Eu fiz o terceiro ano e acabei saindo do piano, sabe? Mas eu gosto muito, e ficou assim, uma coisa mal acabada. Eu tenho vontade de voltar, mas não toco mais e também não tenho mais piano. Às vezes, quando você é jovem, você não percebe as coisas que está perdendo. Mas eu amava o piano e minha professora (participante G).

Um dos participantes relatou que utilizou a música como forma de motivação em outro projeto que possuía na área das ciências exatas, pois percebeu uma queda no interesse dos alunos participantes. Iniciou as aulas de violino no Conservatório Estadual Padre José Maria Xavier, em São João del-Rei, mas sempre quis aprender piano. Outra participante relatou que busca aulas de música por





gosto pessoal, mas também com a intenção de barrar o Alzheimer, que é uma doença existente em sua família. Ela também faz aulas de flauta no mesmo conservatório.

Temos ainda um relato de um participante que vem de uma família de músicos e que sabe tocar alguns instrumentos “de ouvido”: “Em casa, de todos os homens, só eu que não sei música. Apesar de ter um ouvido excelente. Essa coisa de aprender “com” música, seria meu sonho de consumo” (participante JV).

Em geral, pessoas adultas e idosas têm uma motivação intrínseca para procurar aulas de piano, elas fazem isso por escolha própria. Um ponto importante para o professor é reconhecer essas motivações, pois elas serão o “guia” inicial das aulas. Para exemplificar, podemos citar uma situação que aconteceu com o Participante JV. Como apresentado acima, ele tinha o “sonho de consumo” de aprender “com” música, ou seja, aprender a leitura de partituras.

O material que optamos por utilizar nas aulas não iniciava diretamente com leitura de pauta, mas, durante as aulas, o participante sempre nos questionava sobre quando começaria a ler. Sabendo que a maior motivação dele era essa, optamos por iniciar uma explicação sobre a leitura e avançar um pouco com o livro, deixando algumas peças por imitação para depois. O resultado foi bom, pois fizemos algo que JV esperava que acontecesse, e ainda conseguimos abordar as atividades que foram deixadas para depois.

Princípios físico-motores da técnica pianística

As principais transformações estruturais fisiológicas do envelhecimento são decorrentes de fraqueza muscular, degenerações ósseas e cartilaginosas. Nas pessoas idosas são evidentes algumas alterações biofísicas, que vão surgindo com o passar da idade, modificando algumas das condições osteomioesquelética, levando a variação da estatura corporal, rigidez articular, perda da força muscular e modificação anatômica de ossos, músculos e articulações que alteram a estrutura corpórea da pessoa idosa (Constantino *et al.*, 2019, p. 2).

Ao ensinar sobre postura e relaxamento para tocar piano, as alterações citadas ficam extremamente visíveis, principalmente no que diz respeito à rigidez



articular. Na Figura 1, podemos observar na imagem a diferença do ângulo do punho da professora em comparação com o punho da aluna.

Figura 1 – exemplo de ângulo de punho



Fonte: acervo das autoras.

Nesse momento, estávamos realizando o movimento da primeira abordagem técnica contida no livro didático *Piano Safari*, que mostra como utilizar o peso do braço para tocar. Antes de tocar, é necessário que os alunos sintam como esse peso age nos braços. Para tal, realizamos um exercício de relaxamento em que levantamos os braços para frente e vamos mobilizando, uma a uma, as articulações do punho, cotovelo e ombros.

O livro didático escolhido contém seis competências técnicas que são desenvolvidas ao longo dos estudos, a saber: movimento de queda livre do braço no piano; o toque *Non Legato*; o toque *Legato* utilizando movimento do punho para cima e para baixo; notas repetidas com o punho solto; *legato* de três notas utilizando o movimento lateral do punho e o movimento de rotação. De abril a novembro de 2022, conseguimos caminhar de maneira efetiva com os alunos até o toque *Legato* com o punho para cima e para baixo, completando a metade do material didático proposto.

Ao se ensinar o toque *Legato*, é comum que algumas pessoas tenham uma ação involuntária de segurar a tecla enquanto toca a próxima. Com os alunos participantes essa situação aconteceu também. Para resolver esse problema, foi





importante pegar na mão dos alunos para mostrar onde está a tensão que eles devem desfazer, e pedir-lhes para realizarem a atividade lentamente. O que acontece com os idosos é que muitas vezes a pessoa não tem a coordenação fina bem desenvolvida para tocar o instrumento, então a realização dessa estratégia simples acaba se tornando mais complexa, pois precisamos despertar uma propriocepção que não foi despertada ao longo da vida. No início, os participantes utilizavam movimentos que julgavam corretos, mas que eram de realização de outras ações cotidianas.

Um dos participantes, que já estudava piano antes, apresentou um grande desafio – sempre que tocava, sua sonoridade saía *fortíssimo*. Ele relatou que percebia aquilo, mas que não sabia como fazer menos som. A dificuldade estava em perceber o próprio corpo. Como ele já tinha conhecimento do instrumento, trabalhamos apenas peças de repertório. Para buscar corrigir esse problema, optamos por utilizar as unidades do material didático *Piano Safari* que continham as atividades técnicas. Segundo o aluno, essa abordagem foi uma novidade, pois nunca havia estudado piano pensando nessa parte dos movimentos relacionados à produção sonora. Trabalhamos com ele o Prelúdio 1 (O Cravo bem temperado – J. S. Bach), peça que ele já sabia tocar e desejava aprimorar.

Em geral, o ensino das competências físico-motoras depende muito da demonstração prática do professor e da capacidade de abstração e propriocepção⁶ dos alunos. Um recurso didático interessante e eficaz é o uso de metáforas. Por exemplo, é possível dizer ao aluno que ele deve tocar com suavidade como se tocasse em uma bola de algodão, para que o som não saia acentuado. Ou, então, pedir para que toque pensando na mesma intensidade de força que usaria para martelar um prego, para que o som saia forte e acentuado.

⁶ “A propriocepção, termo empregado por Sherrington, por volta de 1900 refere-se à capacidade de reconhecer a posição das articulações no espaço. Por um sistema de reduplicação em que uma via atinge a consciência e outra não, o cérebro recebe informação quanto à angulação das articulações e, daí, à posição das partes do corpo no espaço, o que leva também o indivíduo a construir a imagem do seu próprio corpo – o esquema corporal. (Gravações do Congresso)” (Antunha; Sampaio, 2008, p. 279).



O aprendizado do piano e a ansiedade

A ansiedade surge diante de “uma visão catastrófica dos eventos, anunciando que algo perigoso e ameaçador pode acontecer” (Oliveira *et al.*, 2006, p. 353). Na velhice, a ansiedade está relacionada às limitações vivenciadas nesta fase, que são interpretadas como ameaçadoras. Essas percepções negativas interferem na atenção seletiva e na memória, podendo bloquear a compreensão e o raciocínio.

Durante as aulas de piano, pudemos observar que todos os participantes se sentiam ansiosos tocando. Alguns comentavam diretamente, “sou muito ansioso, fico querendo acertar todas as notas”, outros não falavam nada, mas apresentavam atitudes características do estado ansioso. Foi possível perceber que a maior preocupação dos alunos era acertar as notas, por darem um grande valor à partitura. Ao observamos atentamente, identificamos alguns movimentos de hesitação que os alunos faziam com as mãos antes de tocar. Ao lerem determinada nota, ficavam receosos, com um leve tremor nos dedos, porém sem abaixar a tecla. Geralmente, esse movimento vinha seguido de um olhar e de uma pergunta: é essa nota mesmo?

No que se refere ao comprometimento da atenção, observou-se que, durante a execução de peças a quatro mãos, era comum que, ao ocorrerem erros por parte dos alunos, não fosse possível retomar a atividade a partir do ponto em que se havia interrompido, sendo necessário reiniciá-la desde um trecho anterior. De modo geral, ao reiniciar a execução, os alunos demonstravam uma tendência a antecipar a entrada. Essa antecipação pode estar relacionada à ansiedade gerada pelo erro ou à pressa em acertar.

Uma das participantes, que já fazia aulas de piano antes, chegou ao projeto com uma tendência a tocar tudo com uma sonoridade *piano*. Inicialmente julgamos ser um problema relacionado à técnica pianística, mas quando realizamos as atividades técnicas, ela demonstrou excelente desenvoltura. No entanto, ao tocar em aula, a sonoridade continuava mais *piano* do que deveria. Ao conversar sobre isso, ela relatou que sentia um pouco de vergonha ao tocar, apesar de amar a atividade. Comentou que se sentia acanhada perto dos filhos, que são músicos profissionais, mas que o que mais a incomodava eram as piadas que outro parente costumava fazer sobre as músicas que ela tocava, alegando que eram “músicas de





criança”. Segundo a própria participante, essas atitudes foram muito impactantes para ela, e começamos a relacionar o problema de sua sonoridade com um condicionamento emocional.

“Na performance musical, a ansiedade pode significar uma autodefesa ante o medo de fracassar ou mesmo diante de lembranças de experiências negativas” (De Mattos Ponce; Biaggi, 2019, p. 3). Apesar de a aula de piano não ser uma apresentação, para alguns alunos ela tem o mesmo efeito emocional, por isso caracterizamos a atitude da aluna como “[...] uma defesa contra a experiência ou reexperiência emocional fortemente dolorosa ou o medo da possibilidade de enfrentar uma futura ameaça intolerável, isto é, o medo da vergonha ou da humilhação diante de uma apresentação malsucedida” (Kenny, 2011, p. 23 *apud* Cunha, 2013, p. 4).

Para Miller (2011), um elemento que pode colaborar para a manifestação da ansiedade na hora de tocar é a expectativa de outras pessoas. As pesquisadoras e o bolsista participante do projeto eram essas “outras pessoas” para a nossa aluna. Com o tempo, trabalhando com a estratégia da gravação do estudo domiciliar e conversando em aula sobre ansiedade, a fim de manter um ambiente encorajador, conseguimos obter um resultado interessante com uma nova peça de seu repertório.

É fundamental reconhecer que a ansiedade pode manifestar-se no ambiente da sala de aula, de modo que o docente evite adotar uma visão pautada no senso comum, a qual tende a atribuir todos os desafios enfrentados pelos alunos exclusivamente a questões físico-motoras relacionadas ao envelhecimento. Um exemplo relevante refere-se à postura corporal. De acordo com Rafael Ponce e Emerson de Biaggi (2019), citando os estudos de Miller e Sinico (2012) e Winter (2012), uma das manifestações comportamentais da ansiedade durante a performance é a dificuldade em manter uma postura adequada. No caso de indivíduos idosos, como mencionado anteriormente, há um enrijecimento natural da musculatura; contudo, essa dificuldade nem sempre está associada exclusivamente a fatores fisiológicos. Cabe ao professor realizar uma avaliação criteriosa da situação, a fim de identificar suas causas e adotar a abordagem mais apropriada para solucioná-la





Aspectos cognitivos do ensino-aprendizado

Como exposto na discussão teórica inicial deste texto, o processo de ensino-aprendizado das pessoas idosas possui um diferencial que é o fato de elas já serem capazes de realizar atividades que necessitam de abstração. Observamos isso nitidamente quando introduzimos a noção de valores das figuras musicais. O conhecimento teórico é absorvido de forma rápida e sem a necessidade de exemplificar concretamente. Comparando ao ensino desta mesma competência para uma criança, leva-se menos tempo para que o aluno idoso compreenda o esquema das figuras e suas relações matemáticas.

Para tocar piano lendo a partitura, é necessário prestar atenção nas duas claves simultaneamente. Assim, utilizamos um tipo de atenção chamada *atenção dividida*. Na leitura, primeiramente percebemos visualmente as duas claves e depois tocamos com as duas mãos, logo, é uma situação multitarefas. Os participantes em nível iniciante, que começaram a aprender o piano no projeto de extensão, apresentaram grande dificuldade nesse momento de introdução da leitura com as duas claves. Isso é uma dificuldade geral no ensino de piano, não importando tanto a idade. O diferencial que pudemos perceber é que o tempo de assimilação dessas atividades simultâneas é consideravelmente maior na velhice. Essa observação pode ser confirmada a partir do diário de classe⁷ e também no repertório apresentado no recital dos alunos. Apenas um aluno iniciante chegou até a parte do livro didático em que as músicas começam a ter as duas claves simultaneamente.

Além disso, podemos complementar que associar a teoria com a prática também consiste em um desafio para os alunos idosos. Os participantes externalizaram essa dificuldade com comentários como “minha cabeça sabe o que fazer, mas minha mão não acompanha”. Esta lentidão de resposta observada no comportamento dos idosos ocorre em virtude das alterações somatossensoriais das vias motoras, comprometendo assim a coordenação motora. Esta coordenação é a base do movimento homogêneo e eficiente, que exige uma extensa organização do sistema nervoso, com utilização dos músculos certos, no tempo certo e na

⁷ Ferramenta de coleta de dados utilizada por uma das autoras.





intensidade correta, sem gastos energéticos, o que compromete, por exemplo, a percepção motora de um estímulo rítmico-sonoro (Beresford *et al.*, 2010, p. 60).

A percepção, ou seja, a “construção” do sistema nervoso central a partir de estímulos sensoriais iniciais a um ato motor, é a integração das informações sensoriais significativas. Com o declínio de tal habilidade, a pessoa idosa apresenta dificuldade em reconhecer e discriminar objetos e suas mudanças ambientais, que são pontos principais para o controle dos movimentos. Esta perda pode também ser influenciada por fatores como atenção seletiva, capacidade sensorial de detecção, memória e processos perceptivos de alto nível, tais como a antecipação e a predição, afetando assim o processo de aprendizagem de uma pessoa idosa (Beresford *et al.*, 2010, p. 60).

Uma situação que foi observada em 100% dos participantes são os lapsos de memória intensos. É importante ressaltar que com o avanço da idade, o envelhecimento cerebral é inevitável, “a morte de neurônios, somada à queda no número de sinapses, define-se como perda cognitiva, o que leva à perda de memória entre indivíduos pertencentes à terceira idade” (Marzari *et al.*, 2012, p. 106). É nessa fase da vida que começamos a apresentar falhas claras de memórias mais recentes. Essas falhas podem “estar relacionadas tanto às dificuldades específicas de memória quanto a problemas em outras habilidades cognitivas, como atenção, funções executivas e velocidade de processamento” (Cecchini *et al.*, 2017 *apud* Freitas; Py, 2017, p. 2235).

Essa diminuição da velocidade de processamento, “capacidade mental de processar rapidamente uma informação: codificar, transformar e recuperar” (Corso; Assis, 2020, p. 227), pôde ser percebida em atividades mais dinâmicas. Um exemplo disso ocorreu nas aulas iniciais em grupo, em que fizemos atividades em rodízio com os alunos. Enquanto era tocada uma base de improvisação, os alunos foram organizados em fila, para que tocassem sequencialmente, em estilo “pergunta e resposta”. O ideal seria que não houvesse pausas entre a pergunta e a resposta, porém, não foi assim que aconteceu. A maioria dos alunos realizou pausas entre as frases, comprometendo a fluência do discurso, que foi mantida pelo ostinato da base harmônica.





Materiais e adaptações

Os participantes, de forma geral, racionalizavam tudo antes de começar a tocar, e pouco espaço tínhamos para atividades de criação e experimentação. Sobre isso, é importante contextualizar que a maioria das pessoas dessa geração foi formada em instituições de ensino de matriz tradicional enciclopedista e disciplinar do conhecimento. Sua socialização escolar foi marcada por acontecimentos sociais e históricos em que a instituição e as pessoas encarregadas da transmissão de conhecimento ocupavam um lugar de prestígio e autoridade, e a função pedagógica estava sacralizada (Yuni; Urbano, 2015).

Podemos supor que este seja um dos motivos que levaram a maioria dos participantes a se mostrarem refratários ao aprendizado por imitação. O ensino por imitação foi a abordagem mais difícil de ser executada, apesar da escolha do material didático apropriado. Mesmo os alunos que cediam a essa modalidade nos questionavam “onde estava escrito” o que eles estavam tocando. A valorização da partitura, do conhecimento registrado no papel, foi dominante entre todos os participantes.

No ensino de música, principalmente na abordagem por imitação, precisamos evocar a curiosidade dos alunos, “a faculdade mais expandida e a mais viva durante a infância e a adolescência, que com frequência a instrução extingue e que, ao contrário, se trata de estimular ou, caso esteja adormecida, de despertar” (Morin, 2000, p. 39). Além disso, as questões de memória exemplificadas anteriormente também interferiram no ensino por imitação, pois a base desta abordagem é a memorização – auditiva, visual e cinestésica – da música.

Diante das dificuldades apresentadas pelos alunos, algumas estratégias foram colocadas em prática. Ao ensinar a peça *Ondas* (Laura Longo), foi necessário realizar uma modificação na forma como realizavam a atividade por imitação. A música possui uma forma simples, A-B-A, e utiliza apenas nas teclas pretas. Os alunos participantes memorizaram a parte A a partir de um esquema proposto por uma das autoras, que representava a quantidade de vezes que seria tocado cada grupo de teclas pretas (de duas ou de três). A parte B, que apresenta uma linha melódica distribuída nas duas mãos, não foi memorizada por nenhum dos participantes, mesmo passando-se por todas as etapas do ensino: apreciação,





audição, visualização do teclado, tentativa e repetições. Diante disso, optamos por montar um novo esquema com a numeração dos dedos para que eles pudessem ler. O que ocorreu foi que, na parte A conseguimos trabalhar muito bem questões musicais como fraseado, intensidade, dinâmica e gestos. Na parte B, observamos que os alunos estavam mais preocupados em seguir o esquema escrito do que em experimentar as possibilidades musicais.

Outra situação de adaptação do ensino por imitação aconteceu com a peça *Luzes Coloridas* (Piano Pérolas). Nesse caso, a alternativa foi a criação de um gráfico pela própria aluna participante do projeto. No início, houve uma resistência muito grande de sua parte, principalmente depois que anunciamos que a música seria aprendida sem partitura. Durante a primeira apreciação, ela ficou atenta, observou os gestos, e principalmente as notas que estavam sendo tocadas. Mas quando pedimos para tocar, ela se negou, e disse que primeiro precisava saber quais eram as notas que ela tinha que tocar.

Vale ressaltar que essa aluna já havia feito aulas de piano quando criança e já possuía conhecimento sobre leitura musical. A finalidade de ensinar essa peça por imitação era despertar a sensibilidade dela, ensinar o toque legato *forte* e *piano* e o uso do pedal. Ela tinha capacidade para aprender lendo, mas como dito anteriormente, quando a leitura aparece, a atenção se direciona totalmente a ela e as outras habilidades musicais são esquecidas. De início, não havíamos planejado utilizar a notação não convencional (gráfico), mas como a participante sempre insistia nessa questão, resolvemos utilizar essa abordagem. Após a criação do gráfico, ela gostou do resultado e ficou mais confiante para tocar a peça.

Uma queixa constante dos alunos foi o fato de os materiais e as partituras serem escritas em tamanhos pequenos, pois 100% deles usavam óculos para leitura. A fim de atender a esse público, consideramos que seria importante que existissem partituras com fontes musicais maiores, mas lamentamos que isso ainda não seja uma preocupação dos editores. No caso do projeto, procuramos fazer cópias ampliadas de algumas obras, o que implicou muitas vezes na distorção da imagem.





Conclusão

Que a velhice é uma etapa da vida diferente das anteriores, todos sabemos. Mas como alinhar suas especificidades à pedagogia do piano? Conhecer os aspectos biológicos das etapas da vida é trabalho de todos os educadores. Muitas das dificuldades encontradas neste caminho são solucionadas quando se adquire o conhecimento a respeito da biologia e da fisiologia da velhice. Por mais que as pessoas envelheçam de diversas formas, alguns aspectos estarão presentes em todos nós.

Com a realização da pesquisa de campo, pudemos levantar dados sobre o ensino e aprendizagem de piano para pessoas idosas, de forma a compreender melhor essa aluna. Observamos algumas características específicas, como um alto grau de ansiedade na aprendizagem, a necessidade de mais tempo de prática para atingir alguns objetivos, um corpo mais enrijecido, mas não necessariamente tenso. Todas as atividades propostas foram, de certa forma, adaptadas aos alunos. A leitura da pauta e a compreensão da teoria musical foram as habilidades que necessitaram de menos incentivo, pois todos os participantes expressaram grande desejo em aprendê-las. Em contrapartida, atividades mais livres, como improvisação e criação, não foram muito bem recebidas pelos nossos alunos.

Buscamos trazer dados a respeito do envelhecimento humano e associá-los ao ensino do piano em uma perspectiva inclusiva. Conhecer sobre o envelhecimento para não ter que aprender “no susto” foi um dos apontamentos trazidos por um entrevistado no trabalho de Nantel (2015). Compartilhando desse sentimento, acreditamos que antes de mais nada é preciso despertar a curiosidade frente a novas dificuldades. Assim, a publicação deste texto é uma singela contribuição para a abertura de novos caminhos na Pedagogia do Piano, baseado na quebra de paradigmas e no reconhecimento de problemáticas contemporâneas.



Referências

- ANTUNHA, Elsa Lima Gonçalves; SAMPAIO, Paulo. Propriocepção: um conceito de vanguarda na área diagnóstica e terapêutica. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, v. 28, n. 2, p. 278-283, 2008.
- BASTIEN, James. **How to teach piano sucessfully**. USA: General Words and Music Co., 1973.
- BERESFORD, Heron; BENVENUTO, Célia M.; MOTA, Renata de S.; SILVA, Iris L.; CARDOSO, Fabrício B. Uma avaliação da eficácia da estimulação rítmico-sonora voltada para idosas. **Revista brasileira de geriatria e gerontologia**, v. 14, n. 1, p. 59-64, 2011.
- BRASIL. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acesso em: 28/09/2025.
- CANCELA, Diana M. G. **O processo de envelhecimento**. [Trabalho realizado no Estágio de Complemento ao Diploma de Licenciatura em Psicologia pela Universidade Lusíada do Porto] Porto, 2007.
- HORN, J. L.; CATTELL, R. B. Refinement and test of the theory of fluid and crystallized general intelligences. *Journal of Educational Psychology*, v. 57, n. 5, p. 253-270, 1966. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/h0023816>. Acesso em: 28/09/2025.
- CONSTANTINO, Amandha Eloisa Arcanjo; ROCHA, Estéfany S.; OLIVEIRA, Olivia M. P.; MONTEIRO, Matheus M. de O. Declínios fisiológicos e fisiopatológicos do sistema locomotor durante o envelhecimento humano: uma revisão 74 bibliográfica. In: **VI Congresso Internacional de Envelhecimento Humano**. P. 1-18, 2019.
- CORSO, Luciana V.; ASSIS, Évelin F. De. Interface Entre a Velocidade de Processamento Cognitivo e o Desempenho Aritmético e Leitor de Alunos do 5º e 7º Anos do Ensino Fundamental. **Bolema: Boletim de Educação Matemática**, v. 34, n. 66, p. 225-245, jan. 2020.
- COSTA, J. F. **Aprendizagem pianística na idade adulta: sonho ou realidade?** 2004. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- CUNHA, Andre Sinico. **Ansiedade na Performance Musical: causas, sintomas e estratégias de estudantes de flauta**. 2013. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.



DE MATTOS PONCE, Rafael; BIAGGI, Emerson de. Ansiedade de performance musical e sua ação nos contextos de música erudita e de música popular: um comparativo sob a perspectiva do processo de aprendizagem. *In Congresso da Anppom*, 29. Pelotas/RS, 2019. Anais... Pelotas: ANPPOM, 2019.

DIAS, Adriana Moraes dos Santos. **Práticas docentes e o aluno adulto iniciante de piano**. 2016. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

FISHER, Katherine; HAGUE, Julie K. **Piano Safari for the older student**. USA: Piano Safari, 2018.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução: Mathias Lambert. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2004.

JACOB, Luis; FERNANDES, Helder. **Ideias para um envelhecimento activo**. Almerin: Rutis, p. 11-39, 2011.

JACOBSON, Jeanine M.; LANCASTER, E. L.; MENDOZA, Albert. **Professional piano teaching, Volume 2: A comprehensive piano pedagogy textbook**. USA: Alfred Music, 2015.

JORDÃO, Gisele; ALLUCCI, Renata R; MOLINA, Sérgio; TERATHA, Adriana M. **A música na escola**. São Paulo: Allucci & Associados Comunicações, p. 85-89, 2012.

KRZEMIEN, Deisy; PIETRANTUONO, Lidia; RODRÍGUEZ, María P. C.; URQUIJO, Sebastián. Pensamiento postformal y perspectivas neopiagetianas. *Psiquiátrica y Psicológica de América Latina*, v. 65, n. 4, p. 249-259, 2019.

MARZARI, Gabriela Quatrin; DOS SANTOS, Camila Gonçalves; ZIMMER, Márcia Cristina. Estratégias de preservação cognitiva em indivíduos idosos: o papel da aprendizagem de uma língua estrangeira. *Letrônica*, v. 5, n. 3, p. 103-124, 2012.

MILLER, Carole B. Discuss psychological theories of how and why performance anxiety affects musicians, evaluating the effectiveness of different coping strategies, and suggesting ways in which future research might increase understanding of the experience of performing. Give concrete examples for the phenomena that you discuss wherever possible. Mostlywind, Reino Unido. 2011. Disponível em: https://www.mostlywind.co.uk/performance_anxiety.html. Acesso em: 28/09/2025.

MORIN, Edgar. **Saberes globais e saberes locais: o olhar transdisciplinar**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2000.



NANTEL, Ariane. **Enseignement du piano aux personnes âgées autonomes (65 à 79 ans):** élaboration d'un guide pédagogique web. Tese (Doutorado em Música) - Universidade de Laval, Canadá, 2015.

OLIVEIRA, Katya Luciane de; SANTOS, Acácia A. A.; CRUVINEL, Mirian; NÉRIL, Anita L. Relação entre ansiedade, depressão e desesperança entre grupos de idosos. **Psicologia em estudo**, v. 11, p. 351-359, 2006.

FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Ligia. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017.

RODRIGUES, David. Dez ideias (mal) feitas sobre a educação inclusiva. In David Rodrigues (Coord.), **Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva**, p. 299- 318. São Paulo: Summus. 2006.

SAHR, H. The Adult Beginner. In Agay, Dennes. **The Art of teaching piano**. USA: Yorktown Music Press, p. 253-253, 2004.

SALLES, Ana Maria J.; REIS, Carla S. Música e idosos, um estado da arte (2003-2020) e a ausência da pedagogia do piano. In **XXV Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical**. Ouro Preto, 2021a.

SALLES, Ana Maria J.; REIS, Carla S. Por uma abordagem inclusiva no ensino de piano para idosos. In **Actas del III Congreso Internacional de Música y Cultura para la Inclusión y la Innovación**. La Coruña: Servizo de Publicacións, p. 68-73, 2021b.

SANTO DA LUZ, Ana Clara Espirito; DE CASTRO FÉLIX, Luana Carla; DE ALMEIDA LOPES, Letícia. Impacto do Declínio do Desempenho Cognitivo Natural nos Processos de Aprendizagem e Inclusão Digital. **Humanidades em diálogo**, v. 11, p. 171-181, 2022.

SANTOS, Silvana Sidney Costa. Concepções teórico-filosóficas sobre envelhecimento, velhice, idoso e enfermagem gerontogeriátrica. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 63, p. 1035-1039, 2010.

SINICO, Andre; WINTER, Leonardo Loureiro. Ansiedade na performance musical: definições, causas, sintomas, estratégias e tratamentos. **Revista do Conservatório de Música da UFPel**, Pelotas, n. 5, p.36-64, 2012.

STATERI, J. **Curso do Pianista Moderno**. São Paulo: Redijo, 1978.

SCHOEN, Gaile. **Upper Hands - a method for adults 50+**. USA: Upper Hands Productions, 2012.





THOMPSON, Merlin B. **Fundamentals of piano pedagogy**: Fuelling authentic student musicians from the beginning. Springer International Publishing, 2018.

USZLER, M.; Gordon, S.; Smith, S. M. **The well-tempered keyboard teacher**. 2^a ed. USA: Schirmer Books, 2000.

YUNI, José Alberto; URBANO, Claudio Ariel. **Educación de adultos mayores**: teoría, investigación e intervenciones. Argentina: Editorial Brujas, 2015.





Ana Maria Janunzzi de Salles é licenciada em Música pela Universidade de São Paulo (FFCLR-RP) e Mestra em Música pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Atualmente é doutoranda em Música pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), e atua como professora na Escola Técnica de Arte Municipal “Santa Cecília” (Taquaritinga-SP). É integrante do grupo de pesquisa GIEPPA – Grupo Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Poéticas em Artes (UNICAMP), e do Grupo de Pesquisa em Pedagogia e Performance do Piano TeclaMinas/Cnpq.

<http://lattes.cnpq.br/1607961556001085>

Carla Silva Reis é pianista, doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e mestre em Música pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Realizou estágio doutoral na Universidade do Porto (Portugal) e sua tese abordou a formação pianística a partir de uma perspectiva sociológica. Desde 2006, integra o corpo docente do Departamento de Música da UFSJ (Universidade Federal de São João del-Rei) em Minas Gerais, atuando nos cursos de graduação e pós-graduação. É idealizadora e coordenadora do Programa de Extensão “Piano.Pérolas”, que visa a formação de professores de piano. É autora do livro “O piano na universidade: trajetórias em contraponto” (Editora Appris) e coautora, juntamente com Liliana Botelho, dos livros didáticos “Piano.Pérolas –quem brinca já chegou!” e “Piano.Pérolas 2 – bichos da terra, da água e do ar”. Carla Reis é líder do grupo de pesquisa em Pedagogia e Performance do Piano TeclaMinas/Cnpq e tem como principais interesses de pesquisa a pedagogia inclusiva do piano, as relações de gênero na formação e atuação musicais e a sociologia da educação musical.

<http://lattes.cnpq.br/0886169292356867>

